

ILAN BRENMAN
HEIDI STRECKER

SILÊNCIO

DOZE HISTÓRIAS UNIVERSAIS SOBRE A MORTE

Ilustrações: Catarina Bessel
Apoio: 4 Estações Instituto de Psicologia



Para minha amiga Gabriela Casellato.
I. B.

Aos meus pais — Lore e Nilo —, que me deram um
livro de histórias como primeiro presente na vida.
H. S.

Copyright do texto © 2012 by Ilan Brenman e Heidi Strecker
Copyright das ilustrações © 2012 by Catarina Bessel

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Preparação: Beatriz Antunes
Revisão: Luciana Baraldi e Viviane T. Mendes
Composição: Natália Naomi Yonamine

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brenman, Ilan
Silêncio : doze histórias universais sobre a morte /
Ilán Brenman, Heidi Strecker. — 1. ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2038-3

1. Literatura infantojuvenil I. Strecker, Heidi. II. Título.

11-14802 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Se eu fosse um fabricante de livros,
faria um registro comentado das diversas
mortes. Quem ensinasse os homens
a morrer os ensinaria a viver.

Michel de Montaigne, Ensaios, I, 20

A marca FSC é a garantia de que a madeira utilizada
na fabricação do papel deste livro provém de florestas
que foram gerenciadas de maneira ambientalmente
correta, socialmente justa e economicamente viável,
além de outras fontes de origem controlada.

Esta obra foi composta em Weiss e impressa pela Geográfica em ofsete sobre
papel Paperfect da Suzano Papel e Celulose para a Editora Schwarcz em março de 2012.

SUMÁRIO

<i>O velho e o Anjo da Morte</i>	6
<i>Palavra ao leitor</i>	7
A BUSCA DA IMORTALIDADE	9
Gilgamesh e o presente dos deuses (Sumérios/ atual Iraque)	10
Os três embustes de Mauí (Maoris/ Polinésia)	25
O homem que transportava chuva no deserto (Índia)	32
O fogo sagrado de Ísis (Egito Antigo)	36
AMORES QUE NUNCA MORREM	43
Izanagui e Izanami: os amantes do sol nascente (Japão)	44
O filtro do amor (Celtas/ Reino Unido)	49
A cachoeira de lágrimas (Lenda indígena/ Brasil)	63
O véu ensanguentado (Grécia Antiga)	68
MORTE E RENASCIMENTO	77
Os dedos decepados de Sedna (Inuítes/ região ártica)	78
Bate-bola com os senhores do Mundo Subterrâneo (Maias/ América Central)	84
Os olhos da pequena corça (Índia)	96
O boi de Catirina (Brasil)	102
<i>Morte: para que pensar nisso?</i>	108
<i>Fontes de pesquisa</i>	111

O velho e o Anjo da Morte

(Conto popular judaico)

Num pequeno vilarejo da Europa Oriental, um velho camponês transportava em seus ombros uma pesada carga de lenha. Exausto, com as pernas bambas e os braços doloridos, largou o pesado fardo no chão e disse com raiva:

— Quando será que a morte virá me pegar? Não aguento mais essa vida!

Para sua sorte — ou azar —, naquele exato momento o Anjo da Morte passava bem em cima de sua cabeça e, ao ouvir a súplica do camponês, se deteve. Passados alguns segundos, ele apareceu na frente do velho e disse:

— Aqui estou! Você me chamou?

O velho levou um susto tão grande com a aparição do Anjo que quase desmaiou. Recuperando o fôlego, respondeu baixinho:

— Chamei.

O Anjo da Morte se aproximou um pouco mais e disse com seu hálito gelado:

— E o que você quer?

O velho camponês, que estava tremendo da cabeça aos pés, respondeu:

— Que você me ajude a colocar esta carga de lenha de volta sobre os meus ombros.

O Anjo da Morte deu um sorriso, ajudou o velho e seguiu seu caminho.

Palavra ao leitor

De uns tempos para cá, parece que a morte anda sumida do mundo. Estamos sempre tentando nos esquecer dela, correndo, consumindo cada vez mais coisas e informações. Mas ela está viva, está presente entre nós. A morte nos tira as pessoas que amamos e também aquelas que nem conhecemos. O destino vem e corta nossos sonhos. A morte interrompe o fluxo das coisas e nos obriga ao silêncio.

Nem todas as culturas encaram a morte da mesma forma. Este livro mostra como as diferentes civilizações, em várias épocas e lugares, criaram narrativas fantásticas para lidar com essa ideia.

Consultamos obras conhecidas e outras menos divulgadas, e por fim selecionamos doze narrativas vibrantes, que recontamos aqui. Elas nos fazem rir, chorar, sentir medo, raiva, curiosidade e espanto. Nos contos que selecionamos, os protagonistas podem ser deuses, heróis, reis, ou pessoas comuns e até mesmo animais encantados.

Esperamos que a leitura estimule sua imaginação e faça você refletir sobre a maravilhosa experiência que é viver.

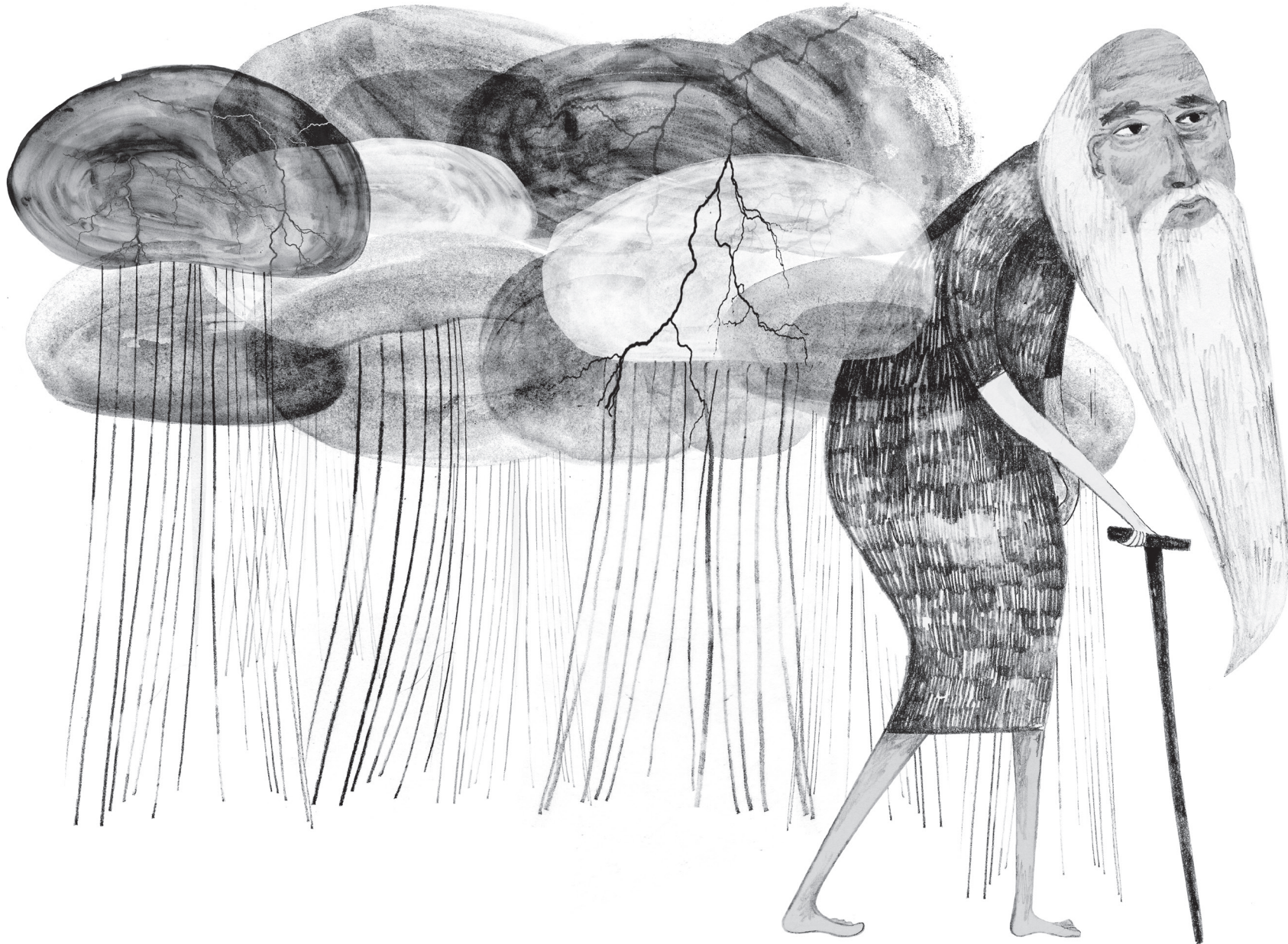
Ilan Brenman e Heidi Strecker

Nota: A ideia inicial deste livro surgiu em encontros com as psicólogas do 4 Estações Instituto de Psicologia, a quem devemos nossos profundos agradecimentos.

A BUSCA DA IMORTALIDADE

Ter objetivos na vida é a
melhor defesa contra a morte.

Primo Levi



GILGAMESH E O PRESENTE DOS DEUSES

A história de Gilgamesh é uma das mais antigas de que se tem notícia. Gravada em doze tabuletas de argila mais ou menos do tamanho de um tablet, a história de Gilgamesh foi escrita pelos sumérios em caracteres cuneiformes miúdos, que não se parecem nada com as letras que conhecemos hoje. Soterradas por milênios na Mesopotâmia, uma região do Oriente Médio, as tabuletas só foram encontradas por expedições de arqueólogos no século XIX. Foi assim que elas foram parar em museus da Europa. Com o tempo, estudiosos decifraram a escrita e traduziram tudo para as línguas modernas. Eis a história!

O FAMOSO GILGAMESH

Gilgamesh era um dos homens mais impressionantes de toda a Mesopotâmia. Ele era o rei de Uruk e tinha construído muralhas altas para proteger a cidade e templos para honrar os deuses. Ele era dois terços deus e um terço simples mortal. Gilgamesh era um rei forte e corajoso que sabia proteger seus domínios, mas era um tirano para o seu povo.

Seus caprichos não tinham limites. Ele não poupava nem mesmo as donzelas: levava para o palácio as mulheres mais belas e dormia com elas, mesmo que fossem comprometidas. Tirava os

homens jovens de suas famílias e os levava para exercícios de guerra, ou para servirem como companheiros de divertimentos.

— Isso não está certo — diziam. — Um rei deve se comportar como um pastor para o seu povo, e não como um touro selvagem.

Os deuses, ouvindo as queixas dos mortais, tiveram então a ideia de criar para ele um rival:

— Gilgamesh vai conhecer alguém tão forte quanto ele.

Foi assim que a deusa da criação, Anuru, apanhou um punhado de barro e com ele moldou um homem: Enkidu. Ele era alto e forte, tinha os cabelos longos e negros, e o corpo todo coberto de pelos. Anuru enviou-o então às florestas de Uruk, para viver junto dos animais.

Quando Enkidu tinha fome, comia mato e frutos selvagens. Quando tinha sede, ajoelhava-se e bebia a água dos riachos. Ainda não sabia cultivar a terra nem conhecia os hábitos dos homens da cidade.

Um dia um caçador avistou Enkidu e ficou muito impressionado. Ao chegar em casa, comentou com seu pai:

— Lá na floresta vive um homem selvagem. É diferente de todos os outros, destrói nossas armadilhas e deixa as presas escaparem.

Quando o fato chegou aos ouvidos de Gilgamesh, o rei mandou chamar o caçador:

— Diga a uma das prostitutas do templo que vá visitar esse homem. Ela o tomará nos braços e saberá lhe ensinar os mistérios do amor. Isso o manterá afastado dos animais.

O caçador levou a mulher a Enkidu. Eles se amaram e ficaram juntos por sete dias e sete noites. Depois disso, Enkidu esqueceu seu lar na floresta e ouviu o que ela disse:

— Venha comigo e eu o levarei a Uruk, a cidade do templo de Ishtar, a deusa do amor, e de Anu, o deus do firmamento. Lá vive o rei Gilgamesh, que é belo e forte e governa todos os homens. Ele saberá de sua chegada por um sonho.

De fato, naquela mesma noite, Gilgamesh sonhou que uma estrela pesada como um meteoro tinha caído do céu. Ele contou o sonho à sua mãe, Ninsun:

— Tentei levantar a estrela do chão, mas não consegui. Todo o povo de Uruk veio vê-la, todos queriam tocá-la e beijá-la, e eu senti uma grande afeição por ela, como se fosse uma mulher.

Ninsun, que era uma deusa de grande sabedoria, revelou:

— Meu filho, essa estrela que caiu do céu como um meteoro é um presente dos deuses. Esse presente é um companheiro. Alguém tão forte quanto você, que nunca o abandonará. Você vai ficar feliz por encontrar um amigo. Esse é o significado do seu sonho.

Enkidu foi descendo a montanha devagar. No meio do caminho, parou para compartilhar o pão e beber um pouco de vinho com os pastores. Finalmente chegou à cidade e atravessou o portão de Uruk.

O ENCONTRO DOS GIGANTES

Ao entrar pela avenida principal de Uruk, Enkidu avistou o cortejo do rei, que se aproximava do templo da deusa Ishtar. Gilgamesh marchava na frente, vestido com uma túnica bordada com fios de ouro. Atrás dele vinha seu séquito, com muitos

jovens paramentados. Uma multidão se aglomerava para ver o cortejo passar.

Assim que reconheceu o rei, Enkidu correu ao seu encontro. Na confusão, acabou empurrando Gilgamesh, que se desequilibrou e quase caiu. Furioso, Gilgamesh revidou, golpeando Enkidu com força. Os dois começaram a lutar.

As pessoas que estavam em volta passaram a gritar e a fazer apostas. Qual dos dois será o mais forte? Depois de muitos golpes e contragolpes, Gilgamesh finalmente conseguiu apoiar-se num dos joelhos e derrubou Enkidu.

Olhou então nos seus olhos e de repente sua fúria se dissipou, pois se lembrou das palavras de sua mãe. Percebeu que ali estava o amigo que os deuses iriam lhe enviar.

GILGAMESH E ENKIDU NA FLORESTA DOS CEDROS

Não foi preciso muito tempo para Gilgamesh e Enkidu se tornarem amigos inseparáveis. Gilgamesh lhe contava as histórias de sua vida. Enkidu, por sua vez, lhe contava tudo aquilo que tinha visto na floresta e o que se passava no seu coração. Volta e meia os dois se punham a brigar e até lutavam, mas sempre voltavam a se entender.

Enkidu visitou muitas vezes o templo da deusa Ishtar, para reverenciar os deuses. Gilgamesh precisava cumprir seu destino e deixar seu nome gravado na memória de seu povo. Com Enkidu a seu lado, armou-se de coragem para adentrar a Floresta dos Cedros e combater o terrível gigante Humbaba, o responsável por

todo o mal que existia sobre a Terra. Nenhum humano havia ousado desafiar o seu poder.

Antes da partida, Gilgamesh e Enkidu foram levar um cordeiro em sacrifício a Shamash, o deus Sol. Pediram a ele que enviasse furacões e temporais para assustar Humbaba no sopé da montanha.

Gilgamesh e Enkidu também foram ao templo ouvir as palavras sagradas da deusa Ninsun, mãe de Gilgamesh. Eis o que ela disse:

— Poderoso Enkidu, eu o recebo como meu filho adotivo, na presença de meus sacerdotes e do hierofante.

Depois disso, os amigos encomendaram as armas necessárias. Colocaram na cintura grandes espadas de ouro, pegaram os arcos, as aljavas com as setas e os machados com a insígnia real.

Então reuniram o povo e os conselheiros nas ruas de Uruk, anunciando a grande decisão. Gilgamesh deu as últimas instruções relativas ao governo da cidade, e os dois amigos partiram em direção à Floresta dos Cedros.

Eles caminharam léguas e léguas, atravessaram rios e desfiladeiros. Em algumas noites, Gilgamesh teve sonhos terríveis. Viu uma montanha desmoronando. Viu um touro batendo com a pata no chão, levantando uma poeira negra que cobriu todo o céu. Viu uma tempestade de raios e cinzas cobrindo toda a Terra.

Juntos, Gilgamesh e Enkidu venceram a fome e o frio, ultrapassaram abismos e desertos. Até que uma noite ouviram um rugido tenebroso vindo das profundezas da floresta.

Era Humbaba. Olharam para o alto de uma das montanhas e avistaram o monstro. O gigante horrendo balançava a cabeça.

Quando avistou Gilgamesh, lançou sobre ele o seu olhar de morte:

— Quem ousou violar minha floresta?

Gilgamesh invocou o glorioso deus Shamash, que mandou os oito ventos. Humbaba não conseguia mais se mover, nem para frente nem para trás.

Gilgamesh então apanhou o machado e cortou um grande cedro, que caiu com um estrondo, depois outro e mais outro. Com grande agilidade, cruzou os galhos e fez uma armadilha. Humbaba, enfurecido, tentou correr, mas ficou preso por um dos pés e caiu.

— Gilgamesh — murmurou o gigante, ferido. — Olhe para mim. Não tenho mãe nem pai, nasci da montanha. Solte-me e serei seu escravo.

Gilgamesh e Enkidu mal podiam acreditar no que ouviam, mas Humbaba continuou:

— Darei a vocês todas as árvores da floresta. Construirei para vocês um palácio de ouro!

O gigante então tentou tomar Gilgamesh pela mão. Diante desse gesto, o coração humano de Gilgamesh se apiedou.

Enkidu, porém, o chamou de volta:

— Não ouça o que ele diz, Gilgamesh. Até o homem mais forte do mundo se desvia de seu destino se não tiver juízo. Humbaba deve morrer.

Ouvindo as palavras de Enkidu, Gilgamesh imediatamente tomou a espada e golpeou Humbaba. Enkidu deu o segundo golpe. No terceiro, o monstro caiu. Os cedros gigantesco estremeeceram. Finalmente, o guardião da montanha estava morto.

O TOURO CELESTIAL

Gilgamesh e Enkidu voltaram a Uruk. Gilgamesh vestiu seu manto e colocou a coroa real, cravejada de pedras preciosas.

Ao vê-lo assim paramentado, Ishtar, a deusa do amor, cobizou a beleza luminosa de Gilgamesh:

— Venha ficar comigo, Gilgamesh, venha deitar no meu leito esta noite. Eu lhe darei uma carruagem de ouro, puxada pelos demônios da tempestade. Reis e príncipes se curvarão diante de você, suas ovelhas terão gêmeos e suas cabras, trigêmeos. Seja meu marido, e seus cavalos serão os mais velozes de todo o universo.

Gilgamesh, porém, respondeu:

— Se eu aceitá-la como esposa, Ishtar, que presentes poderei dar em troca? Poderei encher seu cálice de vinho, encher seu celeiro de cevada e de grãos. Mas o que mais posso oferecer? Lembre-se do destino daqueles que foram seus amantes. Um deles se transformou num pássaro sem asas, e agora chora pousado numa árvore do bosque. Outro agora é um leão preso numa armadilha, pois você lhe deu água suja para beber. O pastor do rebanho, que sacrificava cordeiros em sua homenagem, foi transformado em um lobo. E o jardineiro do bosque, que trazia para você cestas cheias de tâmaras? Agora não passa de uma toupeira cega, condenada a passar seus dias debaixo da terra. Eu não receberia o mesmo tratamento que aqueles que um dia você amou?

Ao ouvir essa resposta, a deusa Ishtar ficou furiosa. Subiu aos

céus e chorou de raiva diante de seu pai, Anu, o deus do firmamento, e de sua mãe, Antum.

— Pai, dê-me o Touro Celestial para destruir Gilgamesh.

— Filha, se eu fizer o que você me pede haverá sete anos de seca na cidade, e não haverá semente de trigo para ninguém.

— Meu pai, guardei grãos para alimentar as pessoas e capim para o gado, para os anos de trigo sem semente.

Ao ouvir essa resposta, Anu entregou-lhe o Touro Celestial para que fosse conduzido até Uruk.

Ao chegar às portas da cidade, o Touro bufou e resfolegou, levando mais de cem homens ao desespero. O Touro espumava enfurecido, despedaçando tudo à sua volta. O Touro bufou mais uma vez e abriu uma cratera, que engoliu mais de duzentos homens. Na terceira investida do Touro, Enkidu agarrou um de seus chifres. Gilgamesh subiu então no dorso do Touro Celestial e enfiou sua espada bem na nuca do animal. O Touro tombou imediatamente.

Então os dois amigos arrancaram o coração do touro e o ofereceram ao deus Sol Shamash. Depois disso, foram descansar.

Ishtar, a deusa esplendorosa, não ficou nem um pouco contente. Ela subiu até a torre mais alta de Uruk e proferiu palavras terríveis:

— Maldito seja Gilgamesh, que zombou de mim!

Gilgamesh, não contente em destruir o Touro Celestial, recolheu seus imensos chifres e os levou ao palácio, pendurando-os no saguão principal. Ofereceu então um grande banquete. Naquela noite, o povo proclamou Gilgamesh o mais glorioso entre todos os heróis.